DIREITOS HUMANOS
E DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA

Coleção **Ministérios**

- *Formação: desafios morais*, VV.AA.
- *Igreja e escândalos sexuais: por uma nova cultura formativa*, VV.AA.
- *Formação: desafios morais 2*, VV.AA.
- *Teologia da prevenção: por um caminho de humanização*, VV.AA.
- *Direitos humanos e Doutrina Social da Igreja: da globalização da indiferença à globalização da solidariedade*, VV.AA.

Rosana Manzini
Ronaldo Zacharias
(orgs.)

Direitos humanos e Doutrina Social da Igreja

Da globalização da indiferença à globalização da solidariedade

PAULUS

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial: *Pe. Sílvio Ribas*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Preparação do original: *Tatianne Francisquetti*

Coordenação de arte: *Rodrigo Moura de Oliveira*

Diagramação e capa: *Karine Pereira dos Santos*

Imagem da capa: *iStock*

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Direitos humanos e Doutrina Social da Igreja: da globalização da indiferença à globalização da solidariedade / Organizado por Rosana Manzini, Ronaldo Zacharias. – São Paulo: Paulus, 2021. Coleção Ministérios.

ISBN 978-65-5562-440-3

1. Direitos humanos - Aspectos religiosos - Igreja Católica 2. Doutrina social – Igreja Católica I. Manzini, Rosana II. Zacharias, Ronaldo

CDD 261.7
22-0704 CDU 261:342.7

Índice para catálogo sistemático:
1. Direitos humanos - Aspectos religiosos - Igreja Católica

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos
e nossas promoções: **paulus.com.br/cadastro**
Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2022

© PAULUS – 2022

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)
Tel. (011) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-440-3

APRESENTAÇÃO

Rosana Manzini[1]

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade (Declaração Universal dos Direitos Humanos, Art. 1º).

Quando Aleksandr Isaevich Solzhenitsyn recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, em 1970, ele disse: "O que já deveria ter conceitos claros, não parece tão claro. Nosso século XX provou ter sido mais cruel do que todos os séculos anteriores, e os horrores de sua primeira metade ainda não foram apagados. Nosso mundo continua a ser destruído pelas mesmas paixões da era das cavernas: ganância, inveja, raiva, ódio, que, ao longo dos anos, adquiriram novos nomes bastante respeitáveis, como luta de classes, ação em massa, conflito racial, combate sindical".[2] O século XXI será ainda mais cruel do que o século XX? Quais são os novos nomes que as paixões humanas terão?

Após a Declaração dos Direitos Humanos das Nações Unidas, de 1948, foi emergindo a consciência de que tais

[1] Rosana Manzini é mestra em Teologia Prática (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP), tem mestrado canônico em Teologia Moral (Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção – São Paulo), é chefe do departamento de Teologia Prática e professora da PUC-SP, coordenadora do Núcleo de Estudos de Doutrina Social da Igreja da PUC-SP e assessora da Rede Latinoamericana del Pensamiento Social de la Iglesia (REDELAPSI).

[2] SOLZHENITSYN, Aleksandr Isaevich. *Entre el autoritarismo y la explotación.* Discurso de Estocolmo. Barcelona: Península, 1974, p. 83-84.

direitos não são os únicos e possíveis direitos. Se, por um lado, a comunidade internacional tem a responsabilidade de protegê-los e aperfeiçoá-los, por outro, deve fazê-los crescer a partir de si mesmos. Assim como a Declaração de 1948 foi resultado da luta que o ser humano trava para ser respeitado na sua dignidade, as demais declarações, convenções e acordos internacionais das últimas décadas expressam continuamente o compromisso internacional de promoção e defesa dos direitos de todos os seres humanos, especialmente das minorias. Resta, no entanto, o desafio de que tais instrumentos superem o âmbito individualista e sejam assumidos numa perspectiva mais social, isto é, mais voltada para os pobres, primeiras vítimas da discriminação, da rejeição e da exclusão social. O papa Bento XVI chamou a atenção para essa problemática:

> Assiste-se hoje a uma grave contradição: enquanto, por um lado, se reivindicam direitos presumidos, de caráter arbitrário e libertino, querendo vê-los reconhecidos e promovidos pelas estruturas públicas, por outro, existem direitos elementares e fundamentais violados e negados a boa parte da humanidade.[3]

O século XXI será ainda mais cruel do que o século XX? Não sabemos, mas as primeiras duas décadas deste século indicam que sim. Seja como for, a reflexão sobre os Direitos Humanos, numa sociedade que "legitimou" a indiferença a ponto de globalizá-la, se configura como busca concreta de humanização, por meio de princípios e valores que norteiem novos caminhos e possibilitem "reinventar" o modo como convivemos.

Nessa busca concreta de humanização, a Doutrina Social da Igreja nos oferece alguns pontos de referência para

[3] BENTO XVI, Papa. *Caritas in Veritate*. Carta Encíclica sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade. São Paulo: Paulus/Loyola, 2009, n. 43.

podermos não apenas sonhar, mas reinventar um modo mais solidário de viver. A partir do seu princípio fundamental – a defesa e a promoção da dignidade humana –, a partir do qual se articularão todos os demais princípios e valores, podemos entender o eixo central de todas as reflexões que se apresentam nesta obra. Nas diversas reflexões temáticas, os autores partem da defesa da dignidade humana e de seus direitos inalienáveis como caminho concreto de humanização. Isso porque assumem que tal dignidade se fundamenta no fato de cada homem e cada mulher ser *imago Dei*. Ter sido criado à imagem e semelhança de Deus confere a cada ser humano uma dignidade que não apenas fundamenta, mas precede e, portanto, assegura seus direitos como direitos autenticamente humanos. Mais ainda, graças ao mistério pascal, fomos assumidos como filhos no Filho e, portanto, também destinados a participar da comunhão eterna de vida e de amor da Trindade. Esse mistério confere à dignidade humana uma natureza singular: somos de Deus e, por isso, nada pode atentar contra a vida que Ele nos concedeu a graça de viver; somos irmãos e, por isso, temos responsabilidade uns para com os outros.

Desse modo, a *Doutrina Social da Igreja* terá na justiça um dos eixos da sua estrutura. A justiça protege e garante os direitos e deveres fundamentais, pois ela tutela a dignidade a ser defendida e preservada. Assim como a "verdade" é a garantia dos sistemas de pensamento, a "justiça" é a garantia das leis que regulam os sistemas políticos e econômicos. Para John Rawls,

> a justiça é a primeira virtude das instituições sociais, como a verdade é para os sistemas de pensamento. Uma teoria, por mais atrativa que seja, tem que ser rechaçada ou revista se não for verdadeira; de igual modo, não importa que as leis e instituições estejam

> ordenadas e sejam eficientes: se são injustas, têm que ser reformadas ou abolidas.[4]

Abordar o tema dos direitos humanos numa sociedade que convive pacificamente com o fato de que esses direitos são continuamente violados e age de modo como se eles não existissem ou não fizessem nenhuma diferença, além de causar uma forte indignação, questiona nossa própria humanidade.

A afirmação do papa Francisco de que, "diante da globalização da indiferença, a alternativa é humana" nos remete ao seu discurso na Ilha de Lampedusa, no início do seu pontificado:

> "Onde está o teu irmão?" [...] Também hoje assoma intensamente esta pergunta: Quem é o responsável pelo sangue destes irmãos e irmãs? Ninguém! Todos nós respondemos assim: não sou eu, não tenho nada a ver com isso; serão outros, eu não, certamente. [...] Mas Deus pergunta a cada um de nós: "Onde está o sangue do teu irmão que clama até Mim?" Hoje ninguém no mundo se sente responsável por isso; perdemos o sentido da responsabilidade fraterna. [...] A cultura do bem-estar, que nos leva a pensar em nós mesmos, torna-nos insensíveis aos gritos dos outros, faz-nos viver como se fôssemos bolhas de sabão: estas são bonitas, mas não são nada, são pura ilusão do fútil, do provisório. Esta cultura do bem-estar leva à indiferença a respeito dos outros; antes, leva à globalização da indiferença. Neste mundo da globalização, caímos na globalização da indiferença. Habituamo-nos ao sofrimento do outro, não nos diz respeito, não nos interessa, não é responsabilidade nossa!
>
> "Adão, onde estás?" e "onde está o teu irmão?" são as duas perguntas que Deus coloca no início da história da humanidade e dirige também a todos os

[4] RAWLS, John. *Teoria de la justicia*. México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1979, p. 19.

> homens do nosso tempo, incluindo nós próprios. [...] Somos uma sociedade que esqueceu a experiência de chorar, de "padecer com": a globalização da indiferença tirou-nos a capacidade de chorar! No Evangelho, ouvimos o brado, o choro, o grande lamento: "Raquel chora os seus filhos [...], porque já não existem". Herodes semeou morte para defender o seu bem-estar, a sua própria bolha de sabão. E isto continua a repetir-se. Peçamos ao Senhor que apague também o que resta de Herodes no nosso coração; peçamos ao Senhor a graça de chorar pela nossa indiferença, de chorar pela crueldade que há no mundo, em nós, incluindo aqueles que, no anonimato, tomam decisões socioeconômicas que abrem a estrada aos dramas como este. "Quem chorou?" Quem chorou hoje no mundo?[5]

Buscar respostas para essas perguntas é buscar a nossa humanidade e encontrar a humanidade de todos e todas. Sim, a resposta é humana, tem de ser humana. A luta pelos direitos humanos segue viva, diária, incessante, não só porque precisamos construir um mundo mais justo e fraterno, mas porque precisamos buscar a nós mesmos, buscar o humano que somos. Diante dessa indiferença sem rosto, não nos é lícito permanecer inativos; não nos é permitido aceitar a cegueira moral; não nos é lícito calar; não nos é permitido compactuar com a cumplicidade.

Os autores desta obra não se calaram. Em cada texto, buscaram a nossa humanidade; em cada palavra, defenderam a justiça e o direito; em cada página, revelaram o rosto humano de Deus e o rosto divino em cada um dos seus filhos e filhas.

[5] FRANCISCO, Papa. Homilia proferida na Santa Missa pelas vítimas dos naufrágios durante sua viagem a Lampedusa (08.07.2013). Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html>. Acesso em: 14 abr. 2020.